

## 44. A IGREJA É CATÓLICA

830-856



### INTRODUÇÃO

A catolicidade da Igreja se refere ao fato de que ela preserva a plenitude do que significa ser corpo de Cristo, ou seja, a plenitude dos meios de salvação. Tal plenitude compreende a confissão de fé reta e completa, a vida sacramental íntegra e o ministério ordenado na sucessão apostólica. Por causa dessa integralidade, a Igreja pode se dizer católica, mesmo quando muito pequena.

E segundo lugar a Igreja é católica na medida em que abraça toda a humanidade. A catolicidade abraça uma rica diversidade. As suas raízes são a vontade salvífica universal de Deus e a rica diversidade do gênero humano.

### TEXTO 830-856

#### PRIMEIRA PARTE

#### SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

#### CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

#### ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA

#### PARÁGRAFO 3: A IGREJA É UMA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA

### III. A IGREJA É CATÓLICA

#### Que quer dizer “Católica”?

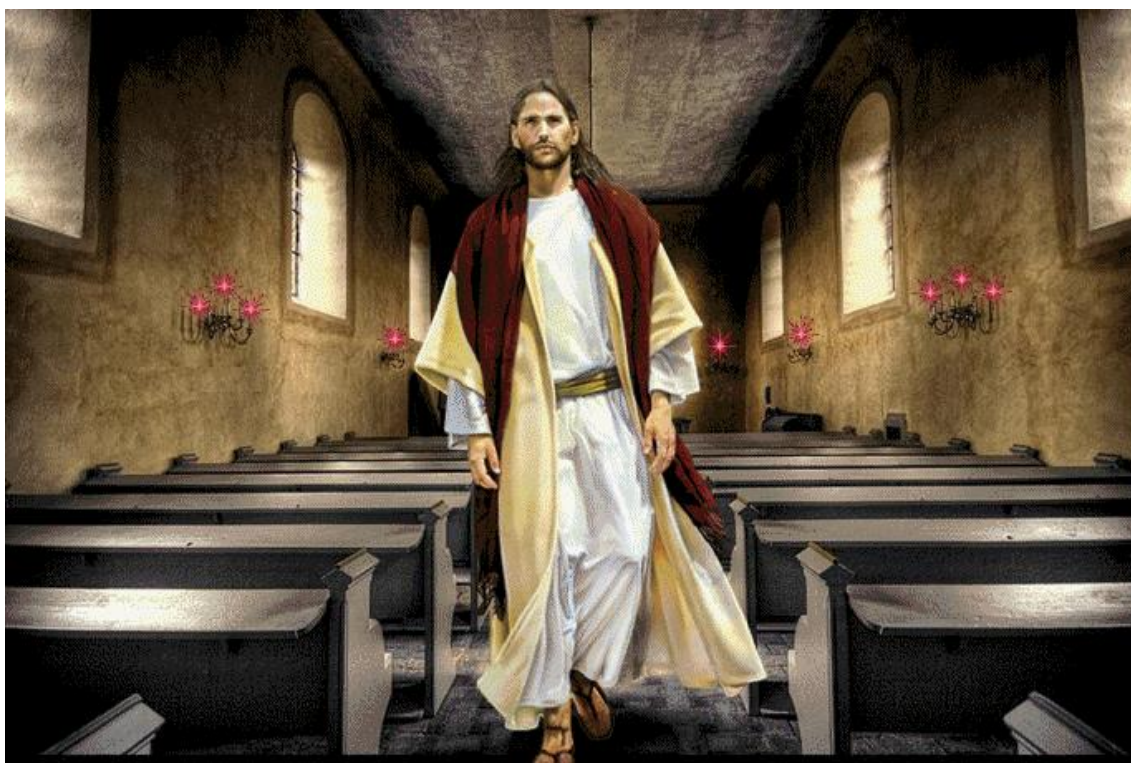
**830.** A palavra “católico” significa “universal” no sentido de “segundo a totalidade” ou “segundo a integridade”. A Igreja é católica num duplo sentido:

É católica porque Cristo está presente nela: “onde está Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica”. Nela subsiste a plenitude do Corpo de Cristo unido à sua Cabeça, o que implica que ela receba d’Ele a “plenitude dos meios de salvação” que Ele quis: confissão de fé reta e completa, vida sacramental integral e ministério ordenado na

sucessão apostólica. Neste sentido fundamental, a Igreja era católica no dia de Pentecostes e sê-lo-á sempre até ao dia da Parusia.

**831.** É católica, porque Cristo a enviou em missão à universalidade do género humano:

“Todos os homens são chamados a fazer parte do povo de Deus. Por isso, permanecendo uno e único, este povo está destinado a estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou a natureza humana na unidade e decidiu enfim reunir na unidade os seus filhos dispersos [...]. Este carácter de universalidade que adorna o povo de Deus é dom do próprio Senhor. Graças a tal dom, a Igreja Católica tende a recapitular, eficaz e perpetuamente, a humanidade inteira, com todos os bens que ela contém, sob Cristo Cabeça, na unidade do Seu Espírito.



**Cada uma das Igrejas Particulares é “Católica”**

**832.** “A Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis que, unidas aos seus pastores, recebem, também elas, no Novo Testamento, o nome de Igrejas [...]. Nelas, os fiéis são reunidos pela pregação do Evangelho de Cristo e é celebrado o mistério da Ceia do Senhor [...]. Nestas comunidades, ainda que muitas vezes pequenas e pobres ou dispersas, está presente Cristo, por cujo poder se constitui a Igreja una, santa, católica e apostólica”.

**833.** Entende-se por Igreja particular, que é em primeiro lugar a diocese (ou “eparquia”), uma comunidade de fiéis cristãos em comunhão de fé e de sacramentos com o seu bispo, ordenado na sucessão apostólica. Estas Igrejas particulares “são formadas à imagem da Igreja universal; é nelas e a partir delas que existe a Igreja Católica una e única”.

**834.** As Igrejas particulares são plenamente católicas pela comunhão com uma de entre elas: a Igreja Romana, “que preside à caridade”. “Com esta Igreja, mais excelente por causa da sua origem, deve necessariamente estar de acordo toda a Igreja, isto é, os fiéis de toda a parte”. “Desde que o Verbo Encarnado desceu até nós, todas as Igrejas cristãs

de todo o mundo tiveram e têm a grande Igreja que vive aqui (em Roma) como única base e fundamento, porque, segundo as próprias promessas do Salvador, as portas do inferno nunca prevalecerão sobre ela”.

**835.** “A Igreja universal não deve ser entendida como simples somatório ou, por assim dizer, federação de Igrejas particulares [...]. Mas é antes a Igreja, universal por vocação e missão, que lançando raiz numa variedade de terrenos culturais, sociais e humanos, toma em cada parte do mundo aspectos e formas de expressão diversos”. A rica variedade de normas disciplinares, ritos litúrgicos, patrimónios teológicos e espirituais, próprios das Igrejas locais, “mostra da forma mais evidente, pela sua convergência na unidade, a catolicidade da Igreja indivisa”.



### **Quem pertence à Igreja Católica?**

**836.** “Todos os homens são chamados [...] à unidade católica do povo de Deus; de vários modos a ela pertencem, ou para ela estão ordenados, tanto os fiéis católicos como os outros que também acreditam em Cristo e, finalmente, todos os homens sem exceção, que a graça de Deus chama à salvação”.

**837.** “Estão plenamente incorporados na sociedade que é a Igreja aqueles que, tendo o Espírito de Cristo, aceitam toda a sua organização e todos os meios de salvação nela instituídos, e que, além disso, pelos laços da profissão de fé, dos sacramentos, do governo eclesiástico e da comunhão, estão unidos no todo visível da Igreja, com Cristo que a dirige por meio do Sumo Pontífice e dos bispos. Mas a incorporação não garante a salvação àquele que, por não perseverar na caridade, está no seio da Igreja “de corpo” mas não “de coração”.

**838.** “Com aqueles que, tendo sido batizados, têm o belo nome de cristãos, embora não professem integralmente a fé ou não guardem a unidade de comunhão com o sucessor de Pedro, a Igreja sabe-se unida por múltiplas razões”. “Aqueles que creem em Cristo e receberam validamente o Batismo encontram-se numa certa comunhão, embora imperfeita, com a Igreja Católica”. Quanto às *Igrejas Ortodoxas*, esta comunhão é tão profunda “que bem pouco lhes falta para atingir a plenitude, que permita uma celebração comum da Eucaristia do Senhor”.

## A Igreja e os não-cristãos

**839.** “Aqueles que ainda não receberam o Evangelho estão também, de uma de ou outra forma, ordenados ao povo de Deus”:

*A relação da Igreja com o Povo Judaico.* A Igreja, povo de Deus na nova Aliança, ao perscrutar o seu próprio mistério, descobre o laço que a une ao povo judaico, “a quem Deus falou primeiro”. Ao invés das outras religiões não cristãs, a fé judaica é já uma resposta à revelação de Deus na antiga Aliança. É ao povo judaico que “pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas [...] e os patriarcas; desse povo Cristo nasceu segundo a carne” (Rm 9,4-5); porque “os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis” (Rm 11,29).

**840.** Aliás, quando se considera o futuro, o povo de Deus da Antiga Aliança e o novo povo de Deus tendem para fins análogos: a esperança da vinda (ou do regresso) do Messias. Mas a esperança é, dum lado, a do regresso do Messias, morto e ressuscitado, reconhecido como Senhor e Filho de Deus: do outro, a da vinda no fim dos tempos do Messias, cujos traços permanecem velados – expectativa acompanhada pelo drama da ignorância ou do falso conhecimento de Cristo Jesus.

**841.** *Relações da Igreja com os muçulmanos.* “O desígnio de salvação envolve igualmente os que reconhecem o Criador, entre os quais, em primeiro lugar, os muçulmanos que declarando guardar a fé de Abraão, conosco adoram o Deus único e misericordioso que há de julgar os homens no último dia”.

**842.** *A ligação da Igreja com as religiões não cristãs é, antes de mais, a da origem e do fim comuns do gênero humano:*

“De fato, todos os povos formam uma única comunidade; têm uma origem única, pois Deus fez que toda a raça humana habitasse à superfície da terra; têm também um único fim último, Deus, cuja providência, testemunhos de bondade e desígnio de salvação se estendem a todos, até que os eleitos sejam reunidos na cidade santa”.

**843.** A Igreja reconhece nas outras religiões a busca, “ainda nas sombras e sob imagens”, do Deus desconhecido mas próximo, pois é Ele quem a todos dá vida, respiração e todas as coisas e quer que todos os homens se salvem. Assim, a Igreja considera tudo quanto nas outras religiões pode encontrar-se de bom e verdadeiro, “como uma preparação evangélica e um dom d’Aquele que ilumina todo o homem, para que, finalmente, tenha a vida”.

**844.** Mas no seu comportamento religioso, os homens revelam também limites e erros que desfiguram neles a imagem de Deus:

“Muitas vezes, enganados pelo Maligno, transviaram-se nos seus raciocínios, trocando a verdade de Deus pela mentira. Preferindo o serviço da criatura ao do Criador, ou vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, expuseram-se ao desespero final”.

**845.** Foi para reunir de novo todos os seus filhos, desorientados e dispersos pelo pecado, que o Pai quis reunir toda a humanidade na Igreja do seu Filho. A Igreja é o lugar onde a humanidade deve reencontrar a sua unidade e a salvação. Ela é “o mundo reconciliado”; é a nau que “navega segura neste mundo, ao sopro do Espírito Santo, sob a vela desfraldada da Cruz do Senhor”. Segundo uma outra imagem, querida aos Padres da Igreja, ela é figurada pela arca de Noé, a única que salva do dilúvio.



### **“Fora da Igreja não há salvação”**

**846.** Como deve entender-se esta afirmação, tantas vezes repetida pelos Padres da Igreja? Formulada de modo positivo, significa que toda a salvação vem de Cristo-Cabeça pela Igreja que é o seu Corpo:

O santo Concílio “ensina, apoiado na Sagrada Escritura e na Tradição, que esta Igreja, peregrina na terra, é necessária à salvação. De fato, só Cristo é mediador e caminho de salvação. Ora, Ele torna-Se-nos presente no seu Corpo, que é a Igreja. Ao afirmar-nos expressamente a necessidade da fé e do Batismo, Cristo confirma-nos, ao mesmo tempo, a necessidade da própria Igreja, na qual os homens entram pela porta do Batismo. É por isso que não se podem salvar aqueles que, não ignorando que Deus, por Jesus Cristo, fundou a Igreja Católica como necessária, se recusam a entrar nela ou a nela perseverar”.

**847.** Esta afirmação não visa aqueles que, sem culpa da sua parte, ignoram Cristo e a sua Igreja:

“Com efeito, também podem conseguir a salvação eterna aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, no entanto procuram Deus com um coração sincero e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a sua vontade conhecida através do que a consciência lhes dita”.

**848.** “Muito embora Deus possa, por caminhos só d’Ele conhecidos, trazer à fé, “sem a qual é impossível agradar a Deus”, homens que, sem culpa sua, ignoram o Evangelho, a Igreja tem o dever e, ao mesmo tempo, o direito sagrado, de evangelizar” todos os homens.

### **A missão – uma exigência da catolicidade da Igreja**

**849.** *O mandato missionário.* “Enviada por Deus às nações, para ser o sacramento universal da salvação, a Igreja, em virtude das exigências íntimas da sua própria catolicidade e em obediência ao mandamento do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens”. “Ide, pois, fazei discípulos de todas as

nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo” (Mt 28,19-20).

**850.** *A origem e o fim da missão.* O mandato missionário do Senhor tem a sua fonte primeira no amor eterno da Santíssima Trindade: “Por sua natureza, a Igreja peregrina é missionária, visto ter a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo”. E o fim último da missão consiste em fazer todos os homens participantes na comunhão existente entre o Pai e o Filho, no Espírito de amor.

**851.** *O motivo da missão.* É ao amor de Deus por todos os homens que, desde sempre, a Igreja vai buscar a obrigação e o vigor do seu ardor missionário: “Porque o amor de Cristo nos impele...” (2 Cor 5,14). Com efeito, “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Deus quer a salvação de todos, mediante o conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito da verdade estão já no caminho da salvação. Mas a Igreja, à qual a mesma verdade foi confiada, deve ir ao encontro dos que a procuram para lha levar. É por acreditar no desígnio universal da salvação que a Igreja deve ser missionária.

**852.** *Os caminhos da missão.* “O protagonista de toda a missão eclesial é o Espírito Santo”. É Ele que conduz a Igreja pelos caminhos da missão. E esta “continua e prolonga, no decorrer da história, a missão do próprio Cristo, que foi enviado para anunciar a Boa-Nova aos pobres. É, portanto, pelo mesmo caminho seguido por Cristo que, sob o impulso do Espírito Santo, a Igreja deve seguir, ou seja, pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesma até à morte – morte da qual Ele saiu vitorioso pela ressurreição”. É assim que “o sangue dos mártires se torna semente de cristãos”.

**853.** Porém, no seu peregrinar, a Igreja também faz a experiência da “distância que separa a mensagem de que é portadora, da fraqueza humana daqueles a quem este Evangelho é confiado”. Só avançando pelo caminho “da penitência e da renovação” e entrando “pela porta estreita da Cruz” é que o povo de Deus pode expandir o Reino de Cristo. Com efeito, “assim como foi na pobreza e na perseguição que Cristo realizou a redenção, assim também a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação”.

**854.** Pela sua própria missão, “a Igreja faz a caminhada de toda a humanidade e partilha a sorte terrena do mundo. Ela é como que o fermento e, por assim dizer, a alma da sociedade humana, chamada a ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus”. O esforço missionário exige, portanto, *paciência*. Começa pelo anúncio do Evangelho aos povos e grupos que ainda não acreditam em Cristo; prossegue no estabelecimento de comunidades cristãs, que sejam “sinais da presença de Deus no mundo” e na fundação de Igrejas locais; compromete-se num processo de inculturação, para incarnar o Evangelho nas culturas dos povos; e também não deixará de conhecer alguns fracassos. “Pelo que diz respeito aos homens, aos grupos humanos e aos povos, a Igreja só a pouco e pouco os atinge e penetra, assim os assumindo na plenitude católica”.

**855.** A missão da Igreja requer um esforço *em ordem à unidade dos cristãos*. “De fato, as divisões entre cristãos impedem a Igreja de realizar a plenitude da catolicidade que lhe é própria, naqueles seus filhos que, sem dúvida, lhe pertencem pelo Batismo, mas que se encontram separados da plenitude da comunhão com ela. Mais ainda: para a

própria Igreja, torna-se mais difícil exprimir, sob todos os seus aspectos, a plenitude da catolicidade na própria realidade da sua vida”.

**856.** A tarefa missionária implica *um diálogo respeitoso* com aqueles que ainda não aceitam o Evangelho. Os crentes podem tirar proveito para si mesmos deste diálogo, aprendendo a conhecer melhor “tudo quanto de verdade e graça se encontrava já entre os povos, como que por uma secreta presença de Deus”. Se anunciam a Boa-Nova aos que a ignoram, é para consolidar, completar e elevar a verdade e o bem que Deus espalhou entre os homens e os povos, e para os purificar do erro e do mal, “para glória de Deus, confusão do demónio e felicidade do homem”.



### Revisando temas

#### 1. A catolicidade da Igreja: um pouco de história

O sentido do termo grego *katholikós* é “segundo o todo, a totalidade, a integralidade”. Aplicado à Igreja, o termo aparece pela primeira vez em Santo Inácio de Antioquia (aprox. 110): “Onde quer que se apresente o bispo, ali também esteja a comunidade, assim como a presença de Cristo Jesus também nos assegura a presença da Igreja Católica” (*Carta aos Esmirnenses* 8,2).

O termo “católica” foi usado para qualificar a Igreja em dois sentidos complementares.

- a. Para Inácio de Antioquia e para outros autores mais antigos *katholike ekklesia* significa Igreja universal ou Igreja inteira em oposição às Igrejas locais presididas pelos seus bispos.
- b. A partir do séc. II, o termo evoluiu e começou a significar também Igreja verdadeira, legítima ou ortodoxa em oposição aos que se separaram dela por causa de cismas e heresias.

A expressão “Igreja católica” não indica, portanto, somente um valor de totalidade, mas também um valor de “verdade” e “autenticidade”. O termo tem um significado quantitativo ou extensivo que indica a Igreja universal e um qualitativo que remete a autêntica Igreja universal distinta das comunidades heterodoxas e cismáticas. A persistência dos dois sentidos ao longo do tempo mostra que não se pode manter uma excluindo a outra.

Os cristãos da comunidade apostólica se viam como um pequeno grupo disperso em várias cidades, mas com um relacionamento tão profundo com Cristo que se sentiam fortemente unidos entre si e fazendo parte de um único organismo vivo com extensão universal. Os cristãos experimentavam e viviam a maravilha de a Igreja se estender em todos os lugares sem perder a unidade nos povos mais diversos. Essa autoconsciência não permaneceu privada ao grupo dos cristãos, mas se manifestou espontaneamente para fora, tanto que provocou nos pagãos a incredulidade em relação à realização de tal universalidade.

Esse é o caso do filósofo platônico Celso que, em sua obra, apresenta a Cristo como impostor vulgar, atribui os aspectos extraordinários de sua vida a uma invenção dos seus primeiros discípulos e julga a rápida expansão do cristianismo como resultado de uma tática baseada no medo do castigo do inferno. As acusações contra os cristãos foram conservadas e refutadas por Orígenes. Dentre as diversas acusações lançadas contra os cristãos, uma se refere à pretensão de catolicidade: *Uma tentativa como a vossa – que todos os povos que habitam a Europa, a Ásia, a África, tanto gregos quanto bárbaros, até a extremidade do mundo estejam unidos pela comunidade de uma mesma fé – poderia talvez ter uma possibilidade de sucesso. Mas, dada a diversidade dos povos e dos seus costumes, isso é pura quimera. Quem concebe tal plano testemunha a sua própria cegueira* (Orígenes, *C. Celsus*, 8,72).

A dupla acepção do termo (geográfico quantitativo e qualitativo) permaneceu muito viva durante a Idade Média. A Igreja é a totalidade dos que receberam a Redenção. Assim catolicidade era entendida como a propriedade da graça e da redenção. *Católico* era um conceito mais cristológico do que eclesiológico.

A escolástica relacionou fortemente catolicidade à fé. Com efeito, Alberto Magno e Tomás de Aquino dizem que “católica” não significa tanto um valor quantitativo ou numérico, mas principalmente a plenitude de Cristo que a Igreja comunica a todos mediante a fé e os sacramentos. Ora, a Igreja é universal porque a fé é *universal*, ou seja, é assinalada pela totalidade. A fé é católica por três motivos.

- Porque *se dirige a todos*.
- Porque é pregada *em todas as partes*, isto é, a fé não é uma ideologia nem um culto particular limitado a um povo.
- Porque anuncia a *verdade* da verdadeira religião do verdadeiro Deus e porque responde à totalidade das aspirações humanas.

Durante toda a Idade Média, permaneceu muito viva também a concepção da *ecclesia universalis* como única Igreja. Nesse sentido unidade e catolicidade são propriedades correlativas da Igreja: a única Igreja é a que se destina a todos.

No contexto das controvérsias que se criou entre as Igrejas da Reforma e a Igreja Católica, a catolicidade se tornou um conceito eclesiológico estrito e apologético. Na apologética antiprotestante, os apologetas católicos insistiram sobre a *universalidade geográfica e quantitativa* como nota que distingue a verdadeira Igreja. Segundo esse uso apologético de catolicidade, somente a Igreja Católica está presente por toda terra, enquanto que as heterodoxas não estão. Nesse clima de luta e de controvérsia, a catolicidade qualitativa da fé foi muitas vezes esquecida.

No início do séc. XX, as exigências de uma teologia eclesiológica e cristológica, não mais apologética, reclamaram o retorno a uma concepção mais qualitativa da catolicidade. O Concílio Vaticano II ajudou a eclesiologia a recuperar a perspectiva



qualitativa da catolicidade como totalidade e plenitude em possuir e comunicar a todos a integralidade dos meios da salvação. A consideração exclusiva e dominante da universalidade geográfica e quantitativa levava a ver a catolicidade apenas como uma extensão da unidade. Uma concepção mais cristológica da catolicidade ajudou a compreender melhor a contribuição das pessoas e valorizou os aspectos da diversidade.



## 2. A catolicidade a partir de cima: a Trindade

A catolicidade não é mera qualidade sociológica da Igreja considerada como simples sociedade histórica e visível “como a república de Veneza ou o reino da França” (Bellarmino). A catolicidade é um predicado da Igreja em razão da sua natureza profunda que tem sua origem em Deus Trindade. Seguindo as intuições do Vaticano II (Igreja-comunhão e complexa realidade), é preciso reconhecer que a catolicidade da Igreja tem uma fonte do alto (Trindade) e outra de baixo (a humanidade). A Igreja é católica porque possui tudo o que constitui a eclesialidade, ou seja, o beneplácito do Pai, a graça de Cristo e o dom do Espírito. É também católica porque comunica a todos o que lhe foi comunicado pela Trindade.

A Igreja é católica porque o Pai quer a salvação universal. Uma vez que Deus é único, o seu plano somente pode ser universal. Se faz algo, o fará uno e universal. O Pai quer a salvação de todos aqueles que não recusam a sua aliança. Uma vez que a vontade salvífica de Deus, revelada em Jesus Cristo, é universal e definitiva, não existem mais

barreiras nacionais, raciais, geográficas e sociais que impeçam alguém ser acolhido na comunidade salvífica a não ser a própria rejeição humana. Por isso o tempo da história é um tempo deixado ao exercício da liberdade dos homens e é assinalado pela paciência de Deus (2Pd 3,9). Assim como Deus quer a salvação de todos, deseja também com a mesma vontade que Cristo seja o mediador absoluto da salvação universal. O desígnio salvador e universal do Pai inclui, no dinamismo da missão do Verbo encarnado, a Igreja como sacramento universal da salvação e lhe fornece, para isso, tudo o que ela precisa para ser efetivamente tal sacramento.

A Igreja é católica porque Jesus Cristo é princípio universal de salvação. Mesmo pecando, os seres humanos não foram abandonados por Deus. Deus mantém o seu plano de aliança malgrado o pecado e enviou o Filho, que se encarnou, para salvar a todos. A salvação realizada por Cristo não somente resgatou o homem da perdição, mas é também o cumprimento da criatura naquilo para a qual foi criada. A salvação de Cristo é o aperfeiçoamento daquilo que a criatura aspira e daquilo que esta não pode dar a si mesma. Assim a salvação é a cura e também a elevação da natureza humana pela graça. Ajudada pelo socorro gratuito e sobrenatural, a natureza humana, alcança o que obscuramente deseja sem poder dar a si mesma.

O plano salvador de Deus em Cristo concerne o homem todo e também o mundo inteiro, uma vez que não se pode separar a salvação dos filhos de Deus do cumprimento do cosmo (cf. Rm 8,19-23). Em e por Cristo, Deus se compromete definitivamente em buscar para a totalidade da humanidade e do mundo, malgrado o pecado, a plenitude do cumprimento das suas aspirações profundas.

Esse processo, que terá seu cumprimento na escatologia, já começou e é garantido definitivamente em Cristo. A realeza sacerdotal de Cristo é total; o seu exercício produzirá o reino. Na condição terrestre, porém, sua realeza é exercida somente em parte: antes de tudo espiritualmente como sinal da verdade da promessa de uma restauração universal.

A Igreja participa desse poder de restauração universal segundo sua condição terrestre, segundo o que lhe foi dado e somente como mediadora, enquanto Cristo é o princípio e fonte.

A Igreja é católica porque o dom Espírito é derramado em todos, penetra o mundo todo e assume a variedade na comunhão. O Espírito Santo foi enviado aos apóstolos e dado à Igreja como sua alma. Ele realiza a obra de Cristo e a atua no interior e a partir de dentro dos cristãos. Sendo o mesmo em todos, o Espírito interioriza neles a riqueza de Cristo e faz com que os diversos dons e iniciativas individuais concorram para a unidade. Assim a vida segundo Deus é interiorizada e se exprime em uma rica variedade de dons pessoais que confluem na construção do todo o corpo da Igreja.

Além disso, a presença do Espírito supera os limites visíveis da Igreja e penetra o mundo inteiro, suscitando a verdade e o bem. Como faz na Igreja, o Espírito faz com que os dons que não pertencem visivelmente à Igreja confluem no Reino. Assim a catolicidade, suscitada pelo Espírito na Igreja, não destrói dom algum, antes assume a totalidade da pluralidade do mundo por meio da comunhão.

### **3. A catolicidade a partir de baixo: a humanidade e o cosmo**

A plenitude que está em Cristo não se comunica a uma humanidade informe e inerte. Também na humanidade existe uma riqueza que goza de uma autonomia própria e a Igreja a respeita. Exatamente por isso ela é católica. A Igreja é católica porque está aberta ao esforço e às realizações da humanidade; é católica porque não vê o mundo

como o domínio de satanás de onde nada de bom pode provir; é católica porque reconhece que a “natureza” humana é única e, ao mesmo tempo, extraordinariamente variada. No mundo e na humanidade há riqueza imensa de valores e de sujeitos e os homens se enriquecem dessa multiplicidade de valores na medida em que entram em comunhão e partilham entre si a riqueza extraordinária da única humanidade. A Igreja é católica porque assume toda essa riqueza incomensurável da humanidade em Cristo.

A revelação bíblica mostra que há profunda unidade entre o ser humano e o cosmo. O mundo tem seu sentido no e mediante o homem. Nele a matéria do cosmo alcança o plano da consciência e da espiritualidade. A ligação entre o ser humano e o cosmo é tão profunda que os destinos dos dois estão entrelaçados: quando o ser humano peca, condena o mundo à corrupção; enquanto filho de Deus chamado à glória divina, o ser humano o eleva consigo para a liberdade e a paz. Assim o desígnio que o Pai revelou e realizou em Cristo no Espírito é uma salvação que se refere à humanidade toda e ao cosmo inteiro. Cristo é o centro de realização desse plano e o princípio de renovação do mundo inteiro.

A humanidade é também história. Isso significa que não basta cristianizar o mundo de uma época ou de um lugar. Nesse sentido, catolicidade significa que é preciso assumir no Cristo uma humanidade que muda e evolui (nem sempre moralmente, é verdade!) continuamente. Como a partir do Big-bang o universo se expande continuamente, assim também a substância do primeiro Adão se expande no tempo e no espaço. Essa substância adâmica que se expande é assumida e incorporada pelo último e novo Adão, que é Cristo. Assim Cristo plenifica o cosmo, mas é, de certa maneira plenificado por ele. Catolicidade implica que Cristo plenifica a Igreja. Mas implica também que o Corpo de Cristo é plenificado pela Igreja. Cristo nos enche de sua riqueza, mas, no seu Corpo místico (que deve crescer até a plenitude; cf. Ef 4,13), é completado e plenificado por nós. Assim Cristo dá a todos, mas também recebe dos homens e da criação e os assume em si. O conteúdo desse mistério de mútua plenificação é revelado sacramentalmente pela catolicidade da Igreja.

O mistério da Igreja *católica* ajuda a considerar de maneira correta as realidades terrestres, a vida e a obra humana na história. A recapitulação de tudo em Cristo é a abertura católica ao esforço e às iniciativas humanas, aos valores terrestres referindo-os a Deus. Evidentemente essa ambição dos cristãos se dá no respeito e na estima das realidades terrestres e humanas em si mesmas, e não somente enquanto formalmente referidas a Deus. Para serem relacionadas a Deus é preciso que antes elas existam em si mesmas e sejam respeitadas como tal. Nada é menos *católico* do que negar às realidades seculares sua autonomia própria.

#### **4. Catolicidade: dom e tarefa, comunhão e expansão**

A catolicidade se realiza no encontro dessas duas plenitudes: a plenitude dos dons comunicados por Cristo e operantes na Igreja e a plenitude contida na pessoa humana, que, por sua vez, é inseparável da plenitude do cosmo.

Nesse sentido, a catolicidade da Igreja é uma propriedade fundamental atual e, ao mesmo tempo, é um programa a ser realizado. A catolicidade se encontra na condição do “já e ainda não”. A Igreja é já católica em virtude de sua instituição, nos seus princípios formais (a Escritura, os sacramentos e os ministérios), como *Ecclesia congregans* (Igreja que congrega ou de Deus que congrega). Mas ainda não é e deve se tornar católica na sua vida histórica que ainda continua, como *Ecclesia congregata* (Igreja congregada ou da pessoas congregadas). Nos dois casos, a Igreja não age na

função de “Senhor”, nem na qualidade de “cabeça”. Ela só tem o que o seu Senhor lhe comunica; exercita somente um ministério de mediação.

A catolicidade é, portanto, uma propriedade dinâmica da Igreja (dom e tarefa).

Essa mesma compreensão da catolicidade está presente no Vaticano II: “Assim, este povo messiânico, embora não abranja atualmente todos os homens e por vezes apareça como pequeno rebanho, é contudo para todo o gênero humano germe firmíssimo de unidade, esperança e salvação” (LG 9).

A catolicidade é um atributo de toda a Igreja, também da Particular. Melhor: cada fiel é e deve ser *católico*. Isso supõe a presença do universal e do todo em cada uma das realizações particulares do único cristianismo. É essa imanência da Igreja universal nas locais e a comunhão delas para formar a universal que distingue a Igreja *católica* das seitas.

**O Documento de Aparecida** explica, de maneira pastoralmente adaptada, a recíproca imanência entre Igreja universal e local no par. 166: A Igreja particular é totalmente Igreja, mas não é toda a Igreja. É a realização concreta do mistério da Igreja Universal em determinado lugar e tempo. Para isso, ela deve estar em comunhão com as outras Igrejas particulares e sob o pastoreio supremo do Papa, Bispo de Roma, que preside a todas as Igrejas.

A Igreja Universal são todas as Igrejas Particulares que estão unidas não por mera associação exterior. Na medida em que estão interiormente unidas ao único Deus, ao único Senhor e ao único Espírito, em que são convocadas pelo único evangelho, em que celebram um único batismo e uma única eucaristia, em que professam uma única fé, as Igrejas locais são a Igreja Universal.

A Igreja Universal se manifesta, está presente e se realiza nas Igrejas locais. A Igreja Local é católica exatamente porque torna presente a Igreja Universal.

Uma Igreja deixa de ser católica não porque está limitada a um lugar, mas exatamente porque se separou das outras Igrejas e, conseqüentemente, da Igreja Católica. Ela pretende se bastar a si mesma em sua vida de comunhão (cisma) e em sua doutrina de fé (heresia). A Igreja deixa de ser católica não pelo fato de ser uma Igreja particular, mas por ser particularista.

O que constitui a seita é exatamente a falta de referência à totalidade: ela possui textos bíblicos particulares (apócrifos), possui um quadro referencial próprio e independente da tradição e do magistério, não se interessa em aprofundar e viver as relações com o mundo, a cultura, a história humana.

A catolicidade sempre implicará para a Igreja uma tensão entre sua santidade, que de certa maneira a separa do mundo (ela não é do mundo), e sua vocação ao universalismo, que exige da Igreja viver no, com e para o mundo. A Igreja, diferente de uma seita, existe sempre e em qualquer lugar possuindo um dinamismo de tendência universal. Ela tem consciência de ser chamada para a totalidade.

A catolicidade é também catolicidade de expansão a todos os povos, prometida já no AT (cf. Gn 22,18; Gl 3,16ss.) e ordenada pelo Senhor ressuscitado (Mt 28,18-20). Essa catolicidade permanece evidentemente como uma tarefa a ser sempre empreendida, já que a humanidade não cessa de crescer e de revelar dimensões novas e profundidades ainda a serem exploradas.

Disso tudo pode-se concluir mais uma vez que catolicidade quantitativa (geográfica e numérica), está sempre e inseparavelmente unida à catolicidade qualitativa. Elas não devem ser colocadas em oposição.

## 5. Missão

A missão da Igreja deriva diretamente da catolicidade. Pode-se dizer que a missionariedade é a tradução em termos de ação do que é a catolicidade em termos do ser. Em outras palavras: a catolicidade se refere ao ser da Igreja e a missionariedade é a expressão prática desse modo de ser: o agir segue o ser. A missão da Igreja traz a marca da catolicidade: já que ela tudo recebeu de Cristo, a Igreja leva Cristo a todos e conduz todos a Cristo.

A realização da catolicidade da Igreja é a missão (envio) no sentido mais abrangente e no sentido mais estrito (evangelização): ela está fundamentada tanto em termos ontológicos (no próprio amor de Deus a se comunicar trinitariamente) quanto em termos históricos (na missão de Jesus, dos apóstolos e dos sucessores dos apóstolos).

No ato de comunicar a fé, a Igreja se dirige às pessoas não como meros objetos mas na sua qualidade de sujeito. Se fossem apenas objetos da missão, restaria aos destinatários da evangelização somente a obediência e a recepção passivas. A missão da Igreja não é um ato de imposição a partir de cima de normas e de tradições religiosas. Ao se dirigir a todos, a Igreja missionária reconhece as pessoas como portadoras de cultura e de tradições próprias que devem ser respeitadas e acolhidas como *sementes do Verbo* espalhadas por toda a parte e tempo.

O Vaticano II recorda como deve ser a missão católica:

Não sendo, porém, o Reino de Cristo deste mundo (cf. Jo 18,36), também a Igreja ou o Povo de Deus que conduz a este Reino, nada subtrai ao bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purifica-os, reforça-os e eleva-os. Pois sabe que deve colher com aquele Rei a Quem os povos foram dados em herança (cf. Sl 71[72],10; Is 60,4-7; Ap 21,24). Esse caráter de universalidade que condecora o Povo de Deus é um dom do próprio Senhor, pelo qual a Igreja Católica, eficaz e perpetuamente, tende a recapitular toda a humanidade com todos os seus bens sob Cristo Cabeça, na unidade de seu Espírito (LG 13).

A história mostra que o pluralismo não é um fenômeno só do presente. Se olharmos com atenção o pluralismo e a diversidade estão presentes no NT (os quatro evangelhos, os escritos paulinos, de João etc.), nos costumes observados pelas Igrejas antigas (por exemplo, a data da celebração da Páscoa), na organização das Igrejas (modelo patriarcal, episcopal e papal). Se a unidade, a santidade e a apostolicidade da Igreja devem ser *católicas*, ou seja, “segundo a totalidade”, a lei que rege a Igreja não deve ser a da uniformidade que nivela e empobrece, mas a da comunhão na qual “cada uma das partes traz seus próprios dons as demais partes e a toda a Igreja. Assim o todo e cada uma das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e aspirando à plenitude na unidade” (LG 13).

A Igreja não é latina, nem grega, nem eslava, nem americana, mas católica. Todavia essa catolicidade se realiza nos espaços humanos da cultura latina, helênica, etc. Isso implica, de um lado, que não se pode identificar a catolicidade com algumas dessas formas particulares de sua realização histórica, mas, de outro, tampouco se pode reduzir a catolicidade a uma uniformidade vazia e desencarnada. A catolicidade transcende as

formas particulares de sua realização e, ao mesmo tempo, as engloba, as assume e as eleva como inculturação do evangelho.

O mesmo acontece com a experiência de Deus. Uma experiência particular corre o perigo de se tornar absoluta, por isso ela só é legítima quando demonstra ser uma experiência compartilhada de comunhão, ou seja, eclesial. A verdadeira experiência de Deus é verificada e confirmada concretamente pelo fato de que essa experiência particular não se isola, nem se impõe agressivamente aos outros, mas se comunica e contribui com a profissão de fé, com o culto e com a vida social da Igreja.

O decreto sobre a atividade missionária da Igreja mostra que o programa da catolicidade se encontra no centro da missão da Igreja.

*Enfim por esta atividade missionária Deus é plenamente glorificado e os homens se beneficiam consciente e plenamente de Sua obra salutar, realizada em Cristo. Assim se cumpre o plano de Deus, a que Cristo se submeteu em amorosa docilidade para a glória do Pai. Este O enviou para do gênero humano todo formar o único Povo de Deus, reuni-lo no único corpo de Cristo e co-edificá-lo no único templo do Espírito Santo. Tudo isto redundando em fraterna concórdia, anelo íntimo de todos os homens. Desta forma chegará à plena realização o desígnio do Criador, que fez o homem à Sua imagem e semelhança, quando todos que participam da natureza humana, regenerados em Cristo pelo Espírito Santo, contemplando com os mesmos sentimentos a glória de Deus, puderem dizer: 'Pai Nosso' (AG 7).*

Mesmo que não se confunda com a missão, o ecumenismo brota diretamente do mesmo dinamismo da catolicidade.

Todavia as divisões dos Cristãos impedem à Igreja de realizar a plenitude da catolicidade, que lhe é própria, naqueles filhos que, embora lhe sejam acrescentados pelo batismo, estão separados de sua plena comunhão. Não só isso, mas também para a própria Igreja se torna tanto mais difícil exprimir, na realidade da sua vida, a plena catolicidade sob todos os aspectos (UR 4).

O concílio fala sobre o ecumenismo com prudência: não é que a Igreja de Cristo tenha deixado de ser católica por causa das divisões entre os cristãos. O que o documento ressalta é a busca da plena realização da catolicidade. A união de todos os cristãos, buscada pelo ecumenismo, se constitui na realização da plena catolicidade da Igreja mesmo que a atual divisão não destrua a Igreja católica.

A diferença fundamental entre a atividade missionária e o ecumenismo reside no fato de que, no caso dos irmãos separados, a Igreja não encontra somente graças e verdades parciais, mas verdadeiros meios de graça. As comunhões cristãs possuem alguns meios de salvação (Escritura, batismo, sacramentos, ministérios) cuja perfeição pertence à única Igreja de Cristo. Assim não é possível ignorar ou negar o valor de catolicidade que as comunhões cristãs têm. Essa catolicidade, presente nas outras comunhões, indica que a restauração da unidade não começa do zero, mas parte de uma base sólida já existente.

## **6. Fundamento Trinitário da missão da Igreja**

A catolicidade da Igreja se exprime e se realiza na sua missão universal. Sendo o germe do cosmo recapitulado, a Igreja só exprime concretamente a sua catolicidade na medida em que entra em contato e em comunhão com a inteira família humana. A missão é um constitutivo essencial da Igreja da mesma maneira como a catolicidade é uma sua propriedade essencial.

A missão da Igreja é um ato de obediência fundamental que a Igreja deve prestar à vontade de Deus-Pai e ao mandato de Cristo.

Jesus relacionou o mandato missionário com a missão que ele mesmo recebeu do Pai. A tarefa, a autoridade e o poder que provém do mistério da Trindade são transmitidos por Cristo aos apóstolos (Mt 28,18: “Concederam-me plena autoridade no céu e na terra”). A missão que o Filho recebeu do Pai é inserida e continuada na história através de seus discípulos (Jo 20,21: “Como o Pai me enviou, eu vos envio”). Dessa maneira a missão da Igreja tem sua origem e apoio, através da mediação de Cristo, no mistério trinitário. Assim as missões econômicas do Filho e do Espírito constituem a raiz e a razão última da missão da Igreja.

A raiz da missão da Igreja, de fato, está na dinâmica do amor e da comunicação do desígnio do Pai. O decreto sobre a atividade missionária da Igreja indica isso claramente: “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. Este desígnio provém do “amor fontal” ou da caridade de Deus Pai que é Princípio sem Princípio e do qual é gerado o Filho e pelo Filho procede o Espírito Santo. Por nímia misericórdia e bondade Sua criou-nos livremente e além disso chamou-nos gratuitamente à comunhão de Sua vida e de Sua glória. Generosamente difundiu a divina bondade e não cessa de difundir-la. Criador do universo, tornar-se-á ‘tudo em todas as coisas’ (1Cor 15,28), procurando ao mesmo tempo Sua glória e nossa beatitude. Prouve a Deus chamar os homens não só individualmente, sem qualquer conexão mútua, à participação de Sua vida, mas constituir-los num só povo, no qual Seus filhos, antes dispersos, se congregassem num corpo” (AG 2).

Nessa perspectiva a missão da Igreja outra coisa não é do que o movimento da caridade *ad extra* de Deus.

## **7. Catolicidade e inculturação**

As relações entre o mistério da Igreja católica e as realizações humanas no campo espiritual e religioso não são de simples condenação e antítese tampouco de mera identificação, mas de tensão e de “ordenação” a Cristo e ao Reino (cf. LG 6). Na humanidade e na cultura ética e religiosa existem elementos de verdade e de graça provenientes de uma presença secreta de Deus (cf. AG 9), coisas verdadeiras e boas que brotam por disposição divina (cf. OT 16), sementes do Verbo que constituem riquezas das gentes (cf. AG 11), preciosas coisas religiosas e humanas (cf. GS 92), elementos de bem e de verdade que representam uma preparação evangélica (cf. LG 16), germes de contemplação (cf. AG 18), tentativas religiosas que mesmo imperfeitas e necessitadas de purificação podem ser consideradas pedagogia de Deus e preparação evangélica (cf. AG 3). Deus sempre teve cuidado paterno pela humanidade para a qual sempre deu um testemunho perene de Si mesmo (cf. DV 3). Como a semente tende para a árvore e o germe para o desenvolvimento, assim o elemento se refere à construção, o fragmento se destina à totalidade e à catolicidade.

Por outro lado, não se devem ignorar os desvios, as insuficiências e as perversões originadas pelo mistério do mal e do abuso da liberdade. Reconhecer o que de bom existe nas culturas humanas e nas tradições religiosas não impede, antes revela, com mais clareza, o contágio do maligno, o *imperium diaboli*, a *potestas tenebrarum et satanae* (cf. AG 3.9).

Por tudo isso a Igreja se faz missionária, para que “tudo o que de bom se encontra semeado no coração e na mente dos homens ou nos próprios ritos e culturas dos povos,

não só não desapareça, mas seja sanado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem” (LG 17).

Veja como o **Documento de Aparecida** descreve a evangelização inculturada.

*Jesus Cristo é plenitude da revelação para todos e o centro fundamental de referência para discernir os valores e as deficiências de todas as culturas, incluindo as indígenas. Por isso o maior tesouro que podemos oferecer a eles é que cheguem ao encontro com Jesus Cristo ressuscitado, nosso Salvador. A inculturação da fé se baseia em relações interculturais onde a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquia de um poder sobre outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamentos e de reavivamento da esperança (95 e 97).*



## 8. Método missionário

A missão da Igreja é universal e os seus destinatários são todos os homens que ainda não fizeram contato existencial com o evangelho. Nunca houve dúvidas sobre isso. Mas se a universalidade extensiva nunca foi objeto de dúvidas, o mesmo não se pode dizer da universalidade intensiva da missão. Se a missão da Igreja se dirige ao homem com a finalidade de que esse encontro seja salutar para ele, é preciso que a missão leve em conta a dignidade da pessoa. Aliás, a própria revelação bíblica tem ideias muito claras sobre o ser humano e sua dignidade.

Reconhecer a dignidade do destinatário e compreender a ação salvífica de Deus como um encontro implica interpessoal traz consequências para o método missionário. A missão como encontro interpessoal pressupõe que a palavra do anúncio seja acompanhada pelo amor, que ela reconheça o Espírito de Deus já operante no sujeito não cristão. Por isso, a missão não é possível sem uma escuta prévia e compreensão do interlocutor. Teologicamente falando o primeiro ato da missão deve ser o da descoberta daquilo que Cristo já realizou no destinatário. A relação de diálogo se instaura em uma situação existencial de paridade que tende a uma edificação (conversão) recíproca.



Evidentemente o diálogo não esgota a missão que deve culminar na evangelização e no anúncio. Nesse ponto chega-se ao momento decisivo do salto qualitativo na ordem da fé e da aceitação da Palavra de Deus, que não pode evitar o escândalo e se manifesta como loucura da cruz para a sabedoria humana (1Cor 1,23-25).

O anúncio é um ato fortemente performativo, isto é, capaz não só de expressar uma verdade, mas também de produzir uma realidade nova. O ato de comunicar a fé, mais do que mero ato informativo, é uma comunicação que tende transformar o interlocutor. Possui uma força de expressão que é capaz de transformar o interlocutor. Com efeito, se a proposta de fé for acolhida, o anúncio cria um relacionamento totalmente original entre os protagonistas da comunicação (Igreja, pessoa, Deus). Comunicar a fé é, na realidade, um apelo à conversão, ou seja, a uma mudança radical de vida, e pretende que o interlocutor se comprometa em um novo relacionamento interpessoal. Esse compromisso não se limita a um objeto de conhecimento: o que é comunicado é uma certeza pessoal, proveniente da revelação e arrasta (atrai) o intelecto para a fé num ato de livre escolha.

O documento de Aparecida expressiu de maneira feliz a força performativa do anúncio da fé. Eis um trecho importante:

*Aqui está o desafio fundamental que afrontamos: mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte (...) o dom do encontro com Jesus Cristo (...). Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências (14).*

## **9. Finalidade da missão**

A reivindicação de ser a Igreja universalmente verdadeira, de ser um sinal insuperável de Deus é algo próprio da fé. Mas ao transmitir e ao mediar essa reivindicação, a Igreja não segue o caminho da imposição e do triunfalismo. Pelo contrário, a Igreja católica sabe que somente o seguimento de Cristo e a sua cruz são as formas em que a verdade e a salvação (que a Igreja deve testemunhar) podem se tornar universais. Catolicidade significa, portanto, humilde oferta de reconciliação escatológica.

Se a Igreja é por natureza missionária, o fim da missão coincide com a razão de ser da Igreja. Se a missão está radicada no prosseguimento da missão de Cristo na história, as suas metas se identificam com os objetivos da vinda do Verbo entre os homens. Na realização desse desígnio, estão incluídos a eliminação do pecado, a elevação e o aperfeiçoamento de todas as possibilidades humanas, a efusão do Espírito Santo e o encontro de um novo sentido para as pessoas e a sociedade até a plenitude de Cristo para a glória de Deus e a felicidade do homem (cf. LG 17; AG 9).

Até as vésperas do Vaticano II havia na teologia da missão duas posições fundamentais sobre o fim da missão. Uma posição considerava o fim primário da missão (*finis operis primarius*) a conversão dos pagãos e o secundário (*finis operis secundarius*) a extensão da Igreja. Em contraposição, outra escola defendia que o fim primário era a “*plantatio ecclesiae*” e a constituição da Igreja visível em todos os lugares em que ainda não está presente.

O Vaticano II acolheu essas duas posições indicando como fim da missão a evangelização dos não cristãos e a fundação da Igreja nos povos ou sociedades onde ainda não está radicada (cf. AG 6). Mas o ponto mais importante desse documento é

quando afirma que o princípio, o autor e fim da missão é Deus que quer a salvação e envia o Filho e o Espírito para salvar a humanidade.

A missão é a vida e a razão de ser da Igreja, é a expressão dinâmica e realização histórica de sua catolicidade. A catolicidade da Igreja não deve ser uma propriedade evidente somente para os que estão na Igreja, mas também deve se tornar patente para os que estão fora dela. Evidentemente, segundo o desígnio universal salvador de Deus, não tem sentido falar de um “dentro” e de um “fora”: Deus quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2,4). A Igreja, por sua vez, realiza a sua catolicidade no sentido de prestar um serviço fiel e desinteressado para esse desígnio universal de salvação. A Igreja se constitui como católica no relacionamento com o cosmo e o mundo, dentro do qual se encontra e vive. Ela é chamada a ver nessa realidade (o mundo) o outro de si (diferença), o lugar no qual está mergulhada (não é tirada do mundo), como semente de Deus jogada no campo para ajudar e colaborar na salvação do mundo.

**IDE PELO MUNDO INTEIRO...**



**PROCLAMAI O EVANGELHO...**